

Por Que Devemos Lutar Contra o Comunismo

(Continuação do n.º 647)

Cel Art QEMA
FERDINANDO DE CARVALHO

4. O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO CONTRA O NACIONALISMO DEMOCRÁ- TICO

Uma das características mais contraditórias e chocantes do comunismo é a sua condição internacionalista, o que o torna, malgrado explicações ineptas, incoerente com os sentimentos nacionalistas e patrióticos tão próprios da natureza humana.

O internacionalismo, apanágio do movimento bolchevista desde os seus primórdios, é para o comunismo como o ar para a vida: fator de sobrevivência. O comunismo baseia-se na congregação internacional da classe operária. "Proletários de todo o mundo, uni-vos!" foi a célebre convocação com que Marx encerrou o seu Manifesto.

Não se trata de uma exclamação simbólica. O comunismo só poderia triunfar em escala universal. Os seus objetivos programáticos exigem essa amplitude. Se-

ria possível eliminar o Estado e todas as suas instituições, se existissem alguns Estados organizados? Seria possível eliminar-se a democracia, se perdurassem algumas nações democráticas? Seria possível estabelecer-se uma confederação internacional se perdesse em alguns povos o sentimento nacionalista?

Há dessa maneira uma tendência internacionalista atávica em qualquer país que marche para o comunismo.

Para associar a condição internacionalista ao proletariado, por que é este considerado como a classe nobre e hegemônica, os comunistas criaram a expressão "internacionalismo proletário". Lenine formulava esse conceito à base de dois objetivos principais. Declarava ele:

"As demarcações e os antagonismos entre os povos desaparecem cada vez mais com o desenvolvimento da burguesia, com a

liberdade do comércio e o mercado mundial, com a uniformidade da produção industrial e as condições de existência que lhes correspondem. A supremacia do proletariado fará com que tais demarcações e antagonismos desapareçam ainda mais depressa. A ação comum dos diferentes proletariados, pelo menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições de sua emancipação."

Lenine conceituava o internacionalismo proletário sob o fundamento de dois objetivos principais: subordinação e capacidade de abdição. Dizia:

"... o internacionalismo proletário exige que, em primeiro lugar, os interesses da luta proletária em um país se *subordinem* aos interesses da luta proletária em escala mundial e, em segundo lugar, qualquer nação que esteja a alcançar a vitória sobre a burguesia seja capaz e desejosa de realizar o *sacrifício dos interesses nacionais*, em benefício da derrota do capitalismo internacional."

A principal manifestação do internacionalismo proletário é a unidade de direção, de orientação e de objetivos de todos os partidos comunistas do mundo:

"A unidade dos partidos marxistas-leninistas é a expressão suprema da unidade e solidariedade da classe operária de todos os países. Esta unidade tem uma base objetiva, e esta base é a comunidade de interesse de classe do proletariado,

de todos os trabalhadores, independentemente do país em que vivam e da nacionalidade a que pertençam. O movimento comunista internacional é a forma superior em que se manifesta tal comunidade. A unidade de suas fileiras está cimentada pelo objetivo comum da classe operária: o triunfo do comunismo no mundo inteiro. Entre todos os comunistas existe, ademais, uma unidade espiritual: sua ideologia comum: o marxismo-leninismo. Por distintas que sejam as condições em que travam sua luta, os comunistas têm um inimigo comum: o imperialismo internacional."

A fidelidade que os comunistas mantêm ao princípio do internacionalismo pode conduzi-los a atitudes que se nos afiguram como verdadeiras aberrações dos princípios morais de nossa civilização.

São frequentes as manifestações contra os interesses nacionais, desde que sejam postos em confronto com os interesses do comunismo internacional.

Assim, por exemplo, os comunistas norte-americanos se colocaram ao lado de Fidel Castro, inclusive durante o caso das bases de mísseis em Cuba.

A razão desse procedimento é encontrada na própria doutrina lenista. Assim, em sua obra: "A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky", Lenine condenava como "traidores" os socialistas que defenderam a sua pátria.

Diz Lenine que os comunistas, como internacionalistas, raciocia-

nam de modo diverso. Para eles, "o caráter de guerra não depende de quem seja o atacante, nem o território em que esteja o "inimigo", mas, sim, da classe que dirige a guerra e da política da qual a guerra é a continuação". Se a guerra é uma guerra "imperialista reacionária", o comunismo tem o dever de se contrapor a ela e preparar a revolução proletária mundial como única salvação. As pessoas devem, segundo Lenine, pensar da seguinte maneira:

"Não devo raciocinar do ponto de vista de "meu" país (porque êsse é o raciocínio do filisteu nacionalista, cretino desgraçado, que não compreende que é um juguete nas mãos da burguesia imperialista), mas sim do ponto de vista de minha participação na preparação da propaganda e na aceleração da revolução proletária universal."

"Isto é internacionalismo. Este é o dever do internacionalista, do trabalhador revolucionário, do verdadeiro comunista."

William Z. Foster, Presidente Nacional do Partido Comunista Norte-Americano declarou, na época em que a Rússia e a Alemanha hitlerista eram aliadas, que se os Estados Unidos entrassem em guerra contra esses países ele não apoiaria a sua pátria. Prestes, no Senado Brasileiro, fez afirmação análoga ao ser inquirido sobre a hipótese de guerra entre o Brasil e a Rússia. Em 1927, Stalin afirmou:

"O revolucionário é aquele que, sem argumentos, incondi-

cionalmente, aberta e honestamente... está pronto para defender e fortalecer a União Soviética, já que esta é o primeiro Estado revolucionário proletário do mundo... O internacionalista é aquele que, sem reservas, sem hesitações, sem condições, está pronto para defender a União Soviética, pois esta é a base do movimento revolucionário mundial, e é impossível defender e estimular esse movimento sem defender a União Soviética."

O chamado "internacionalismo proletário" consiste, pois, na submissão irrestrita aos propósitos do movimento comunista internacional, na defesa incondicional da União Soviética em detrimento de tudo o mais.

Em contraposição a essa despersonalização, a essa "despatriação" do indivíduo, o nacionalismo é considerado nas democracias modernas como a maior força impulsora do progresso e da dinâmica das relações entre os Estados. Assim se expressa Vernon Van Dyke:

"O nacionalismo é a mais forte ideologia... É a mais potente das forças que guiam o comportamento dos estadistas. As aspirações que se relacionam com o nacionalismo — de formar uma nação como Estado independente, de assegurar a sua unificação, dar-lhe homogeneidade nacional, de preservar-lhe a integridade territorial e a independência, de glorificar-lhe por seu engrandecimento, vem influenciando tanto as relações

internacionais nos últimos cento e cinqüenta anos, que seria difícil exagerar a sua importância. E todas as indicações prenunciam que continuará a ser assim."

Essas palavras são bastante expressivas. Não é necessário acrescentar mais nada. O internacionalismo é uma concepção artificial que viola os valores latentes na alma dos homens.

5. O QUE É A REVOLUÇÃO PARA OS COMUNISTAS

Revolução, como centenas de outros vocábulos, tem para os comunistas um sentido diferente. No conceito democrático significa uma expressão de rebeldia, de insurgência contra um regime de opressão ou deterioração moral. Tem ainda uma concepção construtiva da reação contra a rotina e a obsolescência.

Os comunistas, porém, encaram a *Revolução* como o desfecho decisivo e agudo da luta de classes. Para eles existem, fundamentalmente, duas classes: o capitalistas ou a burguesia e os assalariados ou proletariado. A burguesia é constituída pelos proprietários dos meios principais de produção. Consideram-na como a classe dominante, opressora, que vive à custa da exploração dos assalariados. A revolução consiste, para eles, exatamente na inversão dessa conjuntura, passando o proletariado a constituir a classe dominante, a quem cabe alijar e destruir a burguesia.

Os comunistas não admitem qualquer hipótese de conciliação. Consideram que isto seria apenas o aperfeiçoamento do sistema capitalista, "reformismo" inaceitável. A convivência que apregoam, sob o título de "coexistência pacífica", é apenas uma fase da guerra de extermínio, uma "forma da luta de classes" como dizia Kruschév.

Embora se possam conceber vários graus de socialização, o socialismo marxista é radical e intransigente. A *revolução*, dizem eles, é a "parteira social" capaz de trazer à luz uma nova ordem.

É interessante conhecer como encaram os marxistas a revolução socialista. Registram nos Fundamentos do Marxismo-Leninismo, obra doutrinária oficial do Partido Comunista Soviético:

"A revolução socialista, em qualquer país capitalista, abrange um período bastante longo de transição do capitalismo ao socialismo. Ela começa com a revolução política, isto é, com a conquista do poder estatal pela classe operária. Somente através do estabelecimento do poder da classe operária pode decorrer a transição do capitalismo ao socialismo.

"A missão histórica da revolução socialista consiste na liquidação da propriedade capitalista privada sobre os meios de produção e das relações de produção capitalistas entre os homens, na sua substituição pela propriedade social, socialista, sobre os meios de produção e pelas relações de produção socialistas. É impossível, porém, realizar esta substituição, en-

quanto o poder pertence à burguesia. O Estado burguês representa o principal obstáculo no caminho da transformação do regime capitalista. Ele serve fielmente aos exploradores, protegendo sua propriedade. A fim de arrebatar às classes dirigentes a sua propriedade e transferi-la a toda a sociedade, é preciso tomar o poder político aos capitalistas e colocar no poder o povo trabalhador. O Estado da burguesia deve ser substituído pelo Estado dos trabalhadores."

Essa revolução é considerada como indispensável porque:

"As relações socialistas não podem nascer nos marcos do capitalismo. Elas surgem depois da tomada do poder pela classe operária, quando o Estado dos trabalhadores nacionaliza a propriedade dos capitalistas sobre os meios e a produção, sobre as fábricas, usinas, minas, meios de transporte, bancos etc., convertendo-se em propriedade social socialista. Está claro que seria impossível fazer isto antes que o poder passasse às mãos da classe operária."

Como vêem os comunistas a realização desta revolução?

"A revolução política da classe operária pode processar-se em diferentes formas. Ela pode realizar-se pelo caminho da insurreição armada, como ocorreu na Rússia, em outubro de 1917. Em condições particularmente favoráveis, é possível também

a transição pacífica do poder ao povo, sem insurreição armada e sem guerra civil. Quaisquer que sejam, porém, as formas em que se verifique a revolução política do proletariado, ela representa sempre o grau superior do desenvolvimento da luta de classes. Como resultado da revolução, estabelece-se a ditadura do proletariado, isto é, o poder dos trabalhadores, dirigido pela classe operária."

"Tendo conquistado o poder, a classe operária enfrenta a questão do que fazer com o aparelho do velho Estado, com a polícia, os tribunais, os órgãos administrativos, etc. Nas revoluções anteriores, a nova classe, tendo chegado ao poder, adaptava às suas necessidades o velho aparelho estatal e o governava com a sua ajuda. Isto era possível, uma vez que as revoluções conduziam à substituição do domínio de uma classe exploradora pelo domínio de outra classe também exploradora."

"A classe operária não pode seguir por semelhante caminho. A polícia, a gendarmaria, o exército, os tribunais e outros órgãos estatais, que por séculos serviram às classes exploradoras, não podem passar simplesmente ao serviço daqueles a quem antes oprimiam. O aparelho estatal não é uma máquina comum, indiferente a quem a dirige: pode-se substituir o maquinista, mas a locomotiva, como antes, arrastará o trem. No que se refere à máquina estatal burguesa, o seu caráter é tal, que ela não pode servir à classe operária."

"A composição do aparelho estatal burguês e a sua estrutura são adequadas à execução da função fundamental deste Estado: manter os trabalhadores submetidos à burguesia. Eis por que Marx dizia que as revoluções anteriores apenas aperfeiçoavam a velha máquina estatal, ao passo que a tarefa da revolução operária consiste em quebrá-la e substituí-la pelo Estado proletário.

Essa é a revolução que os marxistas desejam empreender, utilizando convenientemente as massas populares mobilizadas e preparadas para a ação final.

O grande erro dos marxistas é justamente renegarem a sua própria teoria, criando uma contradição com sua própria filosofia. Renegam a dialética porque se firmam na idéia de que o comunismo é a perfeição e que depois de Marx, Engels e Lenine não há mais ninguém que possa criar algo de novo em matéria de evolução social.

Lenine dizia:

"A doutrina de Marx é onipotente porque é verdadeira."

No entanto, apesar de todo o progresso material, a natureza do homem é a mesma que há dezenas de séculos atrás. Os materialistas declaram: Somos, como tudo na natureza, matéria em transformação. Todavia, ao dizê-lo nada mais fazem do que expressar um pensamento. E o que é o pensamento? Um sopro divino, uma emissão de partículas elétricas, uma vibração celular?

Ninguém pode, em sã consciência, dar resposta cabal a tais perguntas. Os materialistas consideram, todavia, o pensamento como uma expressão da matéria. Stalin escreveu:

"A natureza una e indivisível expressa-se em duas formas diferentes: a material e a ideal; a vida social é una e indivisível e se expressa em duas formas distintas: a material e a ideal; eis como devemos considerar o desenvolvimento da natureza e da vida social."

Sentem-se, aí, as contradições indeclináveis a que conduz o materialismo.

O outro aspecto errôneo de suas concepções é o de supor que a evolução se deriva apenas do entretchoque de forças contrárias. É o exagero da dialética que esquece a multiplicidade dos impulsos criadores. Por isso, Marx estabeleceu que as grandes etapas do progresso social são marcadas por meio de *revoluções violentas*. Os comunistas não admitem a *revolução pacífica*, embora, algumas vezes, o anunciem por questão de tática.

"Os comunistas são orgulhosamente revolucionários em teoria e prática. O termo "reformista" significa, para eles, sinônimo de ignorância e traição à realidade histórica. Um reformista é ignorante a ponto de acreditar que mudanças sociais básicas podem processar-se lenta e gradualmente. Os comunistas estão convencidos dessa impossibilidade, porque acreditam

que a história e a natureza estabeleceram a elaboração das mudanças pela revolução. Para os comunistas, a revolução é a experiência dourada do futuro, que eles aguardam nostálgicamente. Assim como a noiva aguarda com ansiedade o dia das núpcias, a mãe anseia com aflição o momento de dar à luz, da mesma forma, com fulgor nos olhos, ofegante, a pulsação alterada e o coração exultante, o verdadeiro comunista espera o futuro e glorioso dia da revolução."

"A crença comunista na inevitabilidade da revolução decorre da dialética. A menos que entendamos a dialética, seremos logrados em toda linha. A menos que entendamos a dialética, não poderemos contra-atacar inteligentemente o comunismo. Compreendendo-a, estaremos em condições de prever suas ações e de nos defender contra elas."

Marx afirmou que o capitalismo trazia em seu bojo os instrumentos de sua própria destruição, quanto mais se desenvolvesse mais se aguçariam as contradições entre exploradores e oprimidos. O conflito seria a ruína daquele sistema social. Por acaso, raciocínio análogo não se poderia aplicar ao sistema comunista?

Poderá o comunismo manter-se sem a força dos recursos estatais? Poderá a sociedade se assentar nas bases de um trabalho completamente livre? Eis o que os comunistas oferecem, como uma ante-

visão do sistema social que desejam implantar:

"Pode-se apresentar uma imagem aproximada do caráter que terá o trabalho do comunismo, tendo em vista os seguintes traços fundamentais:

— Cada trabalhador, tanto no que se refere à qualificação quanto ao caráter da atividade, desempenhará funções que, na produção atual, correspondem ao engenheiro;

— os homens dedicarão à produção 20 a 25 horas por semana (ou seja, aproximadamente, 4 a 5 horas por dia) e, com o tempo, ainda menos;

— Cada pessoa poderá escolher sua ocupação de acordo com suas inclinações e capacidades, e mudar de atividades se assim o desejar;

— todo o talento e a capacidade dos homens encontrarão pleno desenvolvimento e aplicação, seja no processo de sua atividade produtiva, seja no tempo livre;

— ao trabalhar, o homem não necessita pensar em salário, quanto receberá pelo seu trabalho, pois todos os encargos com a satisfação de suas necessidades são assumidos pela sociedade;

— o trabalho estará cercado do mais elevado respeito e se converterá, para todos, no principal critério para apreciar a dignidade dos homens;

Em tais condições, certamente, o trabalho se transformará

em uma atividade livre e voluntária em sua necessidade íntima, em um costume de todos os membros da sociedade, pois o trabalho criador constitui, para qualquer pessoa normal, como escrevia Engels, "o maior prazer de quantos se conhecem."

A liberdade individual de escolher e realizar o seu trabalho não é, entretanto, encontrada nos países comunistas. A Constituição de 1936 da URSS, em seu artigo 12, registra textualmente: "Na União Soviética quem não trabalha não come." Na verdade, é o Estado que determina onde, como e quando cada um trabalha.

Eis aí o que se pode considerar a escravidão proletária de nosso século.

Quando os homens se apercebem, entretanto, do grande logro em que caíram, na ilusão de promessas falazes e impossíveis de cumprir, então todas as forças que os comunistas construíram nos países onde se tenha implantado, hão de voltar-se contra seus próprios líderes, cumprindo-se talvez o processo evolutivo da dialética materialista que eles sistematizavam para aplicar contra outrem, mas jamais esperam que seja aplicada contra eles próprios.

"O comunismo não é a fraternidade: é a invasão do ódio, entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho: bane a Deus das almas e das reivindicações populares. Não dá tréguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador."

RUY BARBOSA